

é o auge das publicações de alto nível sobre arte brasileira e das exposições”, o que para Tirapeli reflete-se num aumento da procura por cursos de história da arte a partir desse mesmo período. “A reabertura ou criação de galerias de arte aumentou também, a demanda por profissionais na área. É uma consolidação da luta da arte-educadora Ana Mae Barbosa, em 1977, pela implementação da educação artística como disciplina nas escolas”, relembra Tirapeli. “São Paulo passou a ser uma cidade cultural, ela não é mais fabril. É uma cidade que ganhou uma nova visibilidade e que recebe pessoas dos mais variados lugares em busca de cultura e lazer”. Além disso, o artista plástico detecta uma confluência de interesses de instituições financeiras e bancárias nacionais e internacionais pelas artes, assim como de outros investimentos públicos e privados.



Teto da nave central da Igreja Matriz de Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara, Ouro Preto (MG) – obra de Manuel da Costa Ataíde

COLEÇÃO ARTE BRASILEIRA Nesse novo panorama, acaba de ser lançada a primeira coleção seriada paradigmática sobre arte brasileira, voltada para alunos a partir do início do ensino médio. A autoria é de Percival Tirapeli, que organizou a coleção em cinco volumes: *Arte indígena: do pré-colonial à contemporaneidade*; *Arte colonial: do barroco ao rococó*; *Arte imperial: do neoclássico ao ecletismo*; *Arte moderna e contemporânea: figuração, abstração e novos meios*; *Arte popular*. Os primeiros quatro volumes saíram em junho, e o quinto volume será lançado na semana do folclore, em agosto, todos pela Companhia Editora Nacional.

PARADIDÁTICOS Segundo Tirapeli, existem diversas publicações específicas sobre determinados períodos da história da arte ou sobre alguns artistas, assim como livros gerais sobre aspectos da história da arte, mas não uma coleção seriada sobre o tema no Brasil. Essa é uma área carente de publicações, em especial para o público-alvo a quem a coleção se destina. A coleção de Tirapeli aborda a história da arte no país, focalizando em especial as artes plásticas e a arquitetura, presentes em museus e locais públicos. Em cada volume tem uma apresentação do assunto, com análises das obras de arte, incluindo ainda sugestões de leituras, um glossário detalhado, bibliografia, endereços de sites e destaques para as publicações de fácil acesso.

Marta Kanashiro



Paraty durante sua festa literária

LITERATURA/HUMOR

AGENDA CULTURAL INCLUI PARATY E PIRACICABA

O Salão de Humor de Piracicaba (SP) e a Festa Literária de Paraty (RJ) já se tornaram datas no calendário cultural do Sudeste e têm funcionado, ao longo dos anos, como multiplicadores das atividades artísticas que promovem. No caso do exemplo mais antigo, o salão de Piracicaba já entra em sua 32ª edição em agosto próximo, considerado um dos mais importantes eventos internacionais no campo das artes gráficas e das histórias em quadrinhos. Seu acervo soma 290 trabalhos que retratam a época e o sentimento que norteou a produção cultural e, é claro, a visão de cada cartunista. Na pacata e histó-

rica Parati, no litoral fluminense, em agosto se repete pelo quarto ano consecutivo a Flip, que se tornou rapidamente um dos principais acontecimentos literários do país.

O Salão de Humor de Piracicaba foi idealizado na década de 1970 para incentivar a descoberta de novos talentos nas artes gráficas. A cada ano cresce o número de inscritos para a exposição principal que recebeu 1.800 desenhos de 27 países e 18 estados brasileiros no ano passado. Para Maria Ivete Araújo Marcolino, diretora do Centro Nacional de Humor Gráfico, o apoio do poder público contribuiu para a longevidade do Salão. “A partir do momento em que a prefeitura de Piracicaba abraçou o projeto, o evento passou a integrar o cronograma orçamentário da secretaria de cultura da cidade, que o patrocina, garantindo funcionários e local das exposições, assegurando sua continuidade”, afirma.

FILHOTES Na trilha do pioneiro, outros eventos semelhantes têm acontecido pelo Brasil afora. Um deles é o Salão de Humor de Piauí, já na 23ª edição. “O artista gráfico só tem como opção as publicações como veículo para mostrar seu trabalho. Os Salões dão visibilidade e abrem espaço no mercado de trabalho”, salienta Maria Ivete.

Como outro desdobramento do Salão de Piracicaba está a criação do Centro Nacional de Humor Gráfico que, além de organizar a exposição principal, é responsável por todos os eventos que ocorrem paralelamente. O Centro coordena também o projeto “Humor nas escolas”, com cur-

sos de formação para professores e oficinas de desenho para crianças da rede pública de ensino. “O trabalho acontece ao longo do ano, difundindo as artes gráficas e incentivando as crianças a participarem do Salãozinho do Humor”, explica Maria Ivete. A tradição do Salão e a variedade de opções de atividades para o público – em 2005 foram 10 mostras paralelas, teatro, concurso de piadas, oficinas de desenho e o Salãozinho – atraíram 50 mil visitantes no ano passado.



Divulgação

TENDA LITERÁRIA A capacidade de atrair grande público para as artes se repete em Paraty. A primeira edição, em 2003, teve pouco mais de mil pessoas; em 2004, a frequência mais que dobrou e, no ano passado, o número de turistas durante os dias do evento bateu em 12 mil. A expectativa da festa deste ano – entre os dias 9 e 13 de agosto – e repetir a fórmula de homenagear um escritor brasileiro e o escolhido foi Jorge Amado, além de trazer grandes nomes da literatura contemporânea, como os americanos Nicole Krauss (*A história do amor*), Jonathan Safran Foer (*Tudo se ilumina*) e o britânico Benjamin Zephaniah. Seguindo a já tradição de introduzir novos talentos no cenário das letras, a Flip convidou a freira e escritora Maria Valéria Rezende, autora de *O vôo da guará vermelha* que conta a história de amor entre um pedreiro e uma prostituta portadora de HIV. O livro foi vendido para Portugal, Espanha e França.

A exemplo do evento em Piracicaba, também Paraty fica tomada pelo espírito da festa literária durante o ano todo. A Associação Casa Azul, organizadora oficial da Flip, desenvolve extenso programa educativo em conjunto com a rede escolar: a ciranda de leitura, ciranda de autores e ilustradores, ciranda de máscaras e bonecos e biblioteca itinerante são algumas das ações cujo resultado é apresentado na “Flipinha”. Para o editor da Ateliê Editorial, Plínio Marins, tais eventos são fundamentais na popularização dos livros.

ORLANDI

Patrícia Mariuzzo